

AUTORES QUE DIALOGAM ENTRE SI: UM CONVITE PARA A REFLEXÃO SOBRE A COMPOSIÇÃO CONJUNTA DE NARRATIVAS

FELIPE FERREIRA JOAQUIM (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO").

Resumo

Em 2007, partindo de uma cartolina em branco, a proposta pedagógica feita aos educandos da Turma da Comunidade do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Rio Claro, foi de que expressassem no papel suas reminiscências de infância, ressaltando os aspectos histórico-geográficos. A originalidade na confecção de um desses trabalhos me envolveu ao ponto de estimular a composição de uma narrativa que descrevesse o método de criação empregado pela aluna. Por recorrer integralmente ao manuscrito original da cartolina, a narrativa que surgia, de certa maneira, estabelecia um diálogo entre os autores: nela duas vozes estavam presentes, criador e observador, educando e educador. Este ensaio de construção conjunta da narrativa não se restringiu ao diálogo bilateral; uma nova experimentação agregou ao texto fragmentos dos contos "Leitura de uma onda" e "O olho e os planetas" extraídos do livro Palomar de Ítalo Calvino, trazendo assim uma terceira voz à composição narrativa. A proposta do presente trabalho é suscitar os argumentos teórico-metodológicos, principalmente fundamentados no estudo Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa (Conelly & Clandinin, 1995), que contribuem para compreender o caráter dialógico que se estabelece na composição conjunta de narrativas.

Palavras-chave:

Narrativa, EJA, Linguagem.

La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo. De esta idea general se deriva la tesis de que la educación es la construcción y la re-construcción de historias personales y sociales; tanto los profesores como los alumnos son contadores de historias y también personajes en las historias de los demás en las suyas propias. (CONNELY & CLANDININ, 1995: p.11).

[Anexo1]

A seguir, transcrição do texto existente na cartolina, representada pela imagem acima. O presente trabalho tem nele sua origem.

Este trabalho nos estamos fazendo na biblioteca relebando as nos aulas pasada.

la na fazenda grandi nos morava tinha muitos carneros e cabitos tinha tambem muitas vacas. tinha muita toceras de bambu, a fazenda ficava euma vargea la bem no fundo

nos adava a caba os areio que tinha na fazenda era de coro. sto era dos homens porque as mulere era sião nos que morava lá andava apé quando nos ia na cidade no dia que tinha posição ssta feira da paxão o meu pai gostava de beber pinga só que era tarbalador nos morava em uma caszinha de sape bem pequena nos pitava de barro

era um lugar de muitas arnhia cobra e largatos

no fundo desta casa quando eu morava perto deste lago no fundo deste omde fiava fundo e um lago

no fundo desta casa quando eu morava perto deste lago no fundo deste omde fiava fundo e um lago

neste lago nos meus 5 anos um dia Eu e minha amiga fomos fazer uma comida que ce chamava papucado aminhaga me chamou celina tua tia vem lá

Eu então cori para o mato e la pasei toda a noiti no mato mato e a tia me chamava vei Eu nao vou te bate mais Eu coria coria po meio do mato e niso eu pasei toda a noite

Os meus 8 anos ondi Eu morava que se cjamva monti alegre. era uma fazenda muito grande tinha muitos boi e fasia prantas são de amidon arros e feijão batata milio a tinha tanben abacaxi.

Eu morava comes os meus tio umus dois anos mais omes daí aminha tia veio afalecer daí o meu tio mudo e eu fui mar na cidade de dois corgos com uma familia que ele era adivoga eles me adotaram como filha e de lá saí casada. Ele se chamva Dr. Francisco de Carmo e a sposa dele, Edite do Carmo que já são falecidos. Hoje os filhos elis são formados um médico, professora e um neto que e juis eles me comsidera como da famililar

Esta Igreja de Doiscorrgos foi onde Eu casasi no ano de 1950, no dia 18 de novembro

Esti lugar chama ventania

Esti lugar e no jardim de rio claro no pasado

este lugar e uma pisina ondi as pesais ficavam no calor

nenete rancho de sapé as pesoas descansava

Esta linda folor se chama tulipa

Este é o meu trabalio

Este trabalio foi feito parami no dia 5 de julio de 2007

Celia da Silva Florindo.

Primeiro Momento

Segundo Connely & Clandinin (1995) são diversos os métodos de coleta de dados para a pesquisa narrativa: notas de campo, anotações de diários, transcrições de entrevistas... até mesmo imagens, metáforas e filosofias pessoais fazem parte da gama de recursos possíveis para este tipo de empreendimento. Uma outra fonte é a produção de textos autobiográficos.

O texto acima, datado do final do primeiro semestre de 2007, é de autoria de Célia da Silva Florindo, educanda do Projeto de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) de Rio Claro. Ele surgiu como resposta ao convite feito à classe de reproduzir numa cartolina as reminiscências de infância que cada uma trazia consigo, porém, deveriam

caracterizar seus locais de origem e a sociedade da época, já que se tratava de uma atividade das disciplinas História e Geografia.

O modo de criação era livre: podiam escrever, desenhar, colar ou mesmo pesquisar na internet. A confecção se estendeu por algumas aulas. À medida que os trabalhos se delineavam, um deles me cativou. Dona Célia, ao contrário das colegas que metodologicamente optaram por caminhos similares, desde o princípio se pôs na obra, desbravando-a, dando-lhe vida. Partiu descrevendo o local da infância, e daí seguiu adiante, sempre minuciosamente.

Até aquele momento, minha experiência de lecionar se restringia à participação no PEJA iniciada nos primeiros meses daquele ano. Ao observar a espontaneidade de Dona Célia, seja pela sinceridade dos fatos narrados, seja pelo simples abandono das conveniências gramaticais (escrevendo de baixo para cima, por cima de figuras) me senti impelido a transpor o papel de orientador para tornar-me também parceiro na fecundação da obra.

Assim, pus-me a relatar os feitos de Dona Célia, partindo da brancura da cartolina até o que fora produzido: a primeira metade daquela folha. Como a intenção era dar continuidade ao trabalho, optei por manter integralmente o manuscrito original, sendo o novo texto de minha autoria intercalado ao da educanda, visando uma narrativa única.

Segundo Connely & Clandinin (1995):

En la investigación narrativa es importante que el investigador escuche primero la historia del practicante, y es el practicante quien primero cuenta su historia. Pero esto no quiere decir que el investigador permanezca en silencio durante el proceso de la investigación, Quiere decir que al practicante, a quien durante mucho tiempo se le ha silenciado en la relación de investigación, se le está dando el tiempo y el espacio para que cuente su historia, y para que su historia también gane la autoridad

y la validez que han tenido siempre los relatos de investigación (p. 21).

Deste exercício surgiu *Uma Cartolina em Branco...* apresentado no II Ciclo de História de Professores, 2007, Assis - SP.

Uma Cartolina em Branco...

Atualmente no PEJA de Rio Claro estamos trabalhando a temática da infância. A proposta feita à classe, após aulas expositivas enfocando cartografia e movimentos de migração, foi que cada aluna reproduzisse em uma cartolina, de maneira livre, suas próprias lembranças, sendo incentivadas a abordarem aspectos históricos e geográficos.

O trabalho começou com a ida até a biblioteca do campus, visando motivar uma pesquisa bibliográfica inicial por parte das alunas. Com o auxílio dos educadores, elas procuraram por assuntos-chave nos terminais de consulta e, de posse dos "endereços" de referência, saíram em busca do material levantado.

De maneira geral, os materiais trazidos (livros, mapas, dissertações) foram consultados rapidamente, sendo logo abandonados quando convidadas a expressar na cartolina suas reminiscências de infância. A maioria, talvez sob influência gerada pelo próprio grupo, optou por começar desenhando. Apenas duas rejeitaram este recurso: uma preferiu trabalhar com colagem e a outra, na qual irei me ater, texto escrito.

Dona Célia é a aluna mais velha do grupo: setenta e oito anos completos. Não frequentou a escola quando criança; sua experiência em sala de aula resume-se aos últimos dois anos. Partiu nesta jornada para, entre outros objetivos, conseguir ler a bíblia. É uma aluna participativa e carismática. Mas também bastante perfeccionista.

Iniciou o trabalho pelo canto superior esquerdo da cartolina. Traçou duas retas perpendiculares ao plano e paralelas entre si, distantes cerca de 30 cm uma da outra, as quais foram responsáveis por delimitar as margens de limite horizontal do parágrafo. Feito isto, pôs-se a escrever:

*Este trabalho nos estamos fazendo na biblioteca
relembando as nossas aulas passadas.*

*lá na fazenda grande nós morávamos tinha muitos
carneiros e cabritos tinha também muitas vacas. tinha
muita tocas de bambu, a fazenda ficava numa varzea lá
bem no fundo*

Neste momento Dona Célia percebe que as linhas do texto não mantinham um equilíbrio agradável aos seus olhos. Então ela pára a escrita, saca uma régua e surgem diversas linhas, todas unidas àquelas duas já existentes. Mais confiante, retorna à construção da estória:

*nós morávamos lá onde tinha na fazenda
era de cor. isto era dos homens porque as mulheres era
são nós que morávamos lá andávamos até quando nós íamos na
cidade no dia que tinha posição ssta feira da paixão o meu
pai gostava de beber pinga só que era tarbalador nós
morávamos em uma casinha de sape bem pequena nós pitava
de barro*

era um lugar de muitas aranhas cobra e lagartos

Na semana seguinte, Dona Célia retoma o trabalho com a mesma estratégia inicial das outras colegas: desenhando a casa na qual morou parte de sua vida, a Fazenda Vilela. Nesta atividade passou o resto da aula.

Novo encontro, Dona Célia traz para a aula o jornal da igreja na qual é obreira. Nele havia uma matéria discorrendo sobre inundações. Ela aproveita a ilustração do jornal para descrever o período da infância que viveu com seus tios:

no fundo desta casa quando eu morava perto deste lago no fundo deste omde fiava fundo e um lago

O final desta frase ultrapassara o branco da cartolina e flutuava pelas águas do lago.

Após breve intervalo, Dona Célia pula para a margem direita da imagem e posiciona-se com o lápis na mão:

neste lago nos meus 5 anos um dia Eu e minha amiga fomos fazer uma comida que ce chamava papucuado aminhaga me chamou celina tua tia vem lá

Não há mais nenhum espaço em branco abaixo deste ponto. A solução então encontrada foi retornar à frase inicial e escrever de baixo para cima. Linha por linha.

Eu então cori para o mato e la pasei toda a noiti no mato mato e a tia me chamava vei Eu nao vou te bate mais Eu coria coria po meio do mato e niso eu pasei toda a noite

Aqui terminou a aula e também metade da cartolina.

Quando da primeira vez que pedi para ler seu trabalho, Dona Célia adiantou: "Tá tudo errado!". Insisti e comecei a leitura. Sua atitude cautelosa imediatamente cedeu espaço para a alegria; sentia-se realizada ao perceber que sua escrita era inteligível a outrem.

Poderia eu, ao invés de optar pela leitura, dizer-lhe algo do tipo: “Bom Dona Célia, essa palavra não se escreve exatamente desta forma”.

Pensando unicamente nas normas gramaticais, talvez esta fosse a maneira como deveria me portar. Mas nesta construção conjunta que, para ganhar vida, se alimentou das ações vividas em sala de aula, da cumplicidade existente entre os narradores e das reflexões que invariavelmente surgiram, a espontaneidade foi a matéria-prima privilegiada.

Segundo Momento

É passado pouco mais de um ano da escrita de *Uma Cartolina em Branco...* Em uma das disciplinas de licenciatura da graduação, Psicologia da Educação, a professora solicitou a leitura de um livro a nossa escolha. A tarefa seria relacionar com questões pertinentes à temática educacional e apresentar na forma de um seminário.

Aprecio sobremaneira a obra do escritor italiano Italo Calvino. Como estava difícil a escolha de um título, optei por apresentar à classe trechos de alguns de seus livros. Dentre estes se encontrava *Palomar* (CALVINO, 1994).

O livro, na forma de contos, se concentra nas reflexões de um certo senhor Palomar, homem de meia idade, extremamente observador. Inúmeros são os seus objetos de contemplação: o céu, o canto dos pássaros, um seio nu, os amores das tartarugas... cada qual estudado minuciosamente, a fim de aplacar seu desassossego. Mas invariavelmente suas conclusões terminam por perturbar ainda mais seu estado de espírito.

À medida que relia os contos, pude perceber que o senhor Palomar era um leitor de intensa sabedoria. Sendo assim, imaginei

que a cartolina de Dona Célia pudesse despertar o seu interesse. Como então trazer o senhor Palomar para somar forças e dar continuidade ao trabalho de criação de uma narrativa conjunta?

Trechos dos contos *Leitura de uma onda* e *O olho e os planetas* foram selecionados e, mantendo a metodologia anteriormente aplicada, os intercalei ao texto integral de *Uma Cartolina em Branco...*, procurando harmonizar a chegada da terceira voz com as já existentes.

Visando facilitar a identificação dos locutores no decorrer do texto, empreguei fontes distintas para cada autor. O texto resultante, *Palomar lendo a Cartolina*, foi apresentado no IV Seminário sobre Linguagens - Políticas de Subjetivação - Educação , 2008, Rio Claro – SP.

PALOMAR LENDO A CARTOLINA

Se é justo que a imaginação venha em socorro da debilidade visual, deve ser instantânea e direta como o olhar que acende.

Atualmente no PEJA de Rio Claro estamos trabalhando a temática da infância. A proposta feita à classe, após aulas expositivas enfocando cartografia e movimentos de migração, foi que cada aluna reproduzisse em uma cartolina, de maneira livre, suas próprias lembranças, sendo incentivadas a abordarem aspectos históricos e geográficos.

É natural que, para a ocasião, uma pessoa diligente como o senhor Palomar tenha consultado enciclopédias e manuais.

O trabalho começou com a ida até a biblioteca do campus, visando motivar uma pesquisa bibliográfica inicial por parte das alunas. Com o auxílio dos educadores, elas procuraram por assuntos-

chave nos terminais de consulta e, de posse dos “endereços” de referência, saíram em busca do material levantado.

Em suma, não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo.

De maneira geral, os materiais trazidos (livros, mapas, dissertações) foram consultados rapidamente, sendo logo abandonados quando convidadas a expressar na cartolina suas reminiscências de infância. A maioria, talvez sob influência gerada pelo próprio grupo, optou por começar desenhando. Apenas duas rejeitaram este recurso: uma preferiu trabalhar com colagem e a outra, na qual irei me ater, texto escrito.

Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e seqüências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo.

Dona Célia é a aluna mais velha do grupo: setenta e oito anos completos. Não freqüentou a escola quando criança; sua experiência em sala de aula resume-se aos últimos dois anos. Partiu nesta jornada para, entre outros objetivos, conseguir ler a bíblia. É uma aluna participativa e carismática. Mas também bastante perfeccionista.

Homem nervoso que vive num mundo frenético e congestionado, o senhor Palomar tende a reduzir suas próprias relações com o mundo externo e para defender-se da neurastenia geral procura manter tanto quanto pode suas sensações sob controle.

Iniciou o trabalho pelo canto superior esquerdo da cartolina. Traçou duas retas perpendiculares ao plano e paralelas entre si, distantes cerca de 30 cm uma da outra, as quais foram responsáveis por delimitar as margens de limite horizontal do parágrafo. Feito isto, pôs-se a escrever:

Este trabalho nos estamos fazendo na biblioteca relebando as nos aulas pasada.

la na fazenda grandi nos morva tinha muitos carneros e cabitos tinha tambem muitas vacas. tinha muita toceras de bambu, a fazenda ficava euma vargea la bem no fundo

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se.

Neste momento Dona Célia percebe que as linhas do texto não mantinham um equilíbrio agradável aos seus olhos. Então ela pára a escrita, saca uma régua e surgem diversas linhas, todas unidas àquelas duas já existentes. Mais confiante, retorna à construção da estória:

nos adava a caba os areio que tinha na fazenda era de coro. sto era dos homens porque as mulere era sião nos que morava lá andava apé qundo nos ia na cidade no dia que tinha posição ssta feira da paxão o meu pai gostava de beber pinga só que era tarbalador nos morva em uma caszinha de sape bem peqena nos pitava de barro

era um lugar de muitas arnhia cobra e largatos

Ao mesmo tempo ele recorda de cada planeta a imagem detalhada vista na noite anterior e procura inseri-la naquela mancha minúscula de luz que perfura o céu.

Na semana seguinte, Dona Célia retoma o trabalho com a mesma estratégia inicial das outras colegas: desenhando a casa na qual morou parte de sua vida, a Fazenda Vilela. Nesta atividade passou o resto da aula.

Mas não consegue manter a imagem nítida: necessita fechar por um momento as pálpebras, deixar que a pupila ofuscada reencontre a percepção precisa dos contornos, das cores, das sombras, mas também deixar que a imaginação se livre dos embaciamentos que não lhe pertencem, renuncie a ostentar uma sabedoria livresca.

Novo encontro, Dona Célia traz para a aula o jornal da igreja na qual é obreira. Nele havia uma matéria discorrendo sobre inundações. Ela aproveita a ilustração do jornal para descrever o período da infância que viveu com seus tios:

no fundo desta casa quando eu morava perto deste lago no fundo deste omde fiava fundo e um lago

O final desta frase ultrapassara o branco da cartolina e flutuava pelas águas do lago.

... em vez disso, esta imagem, quem sabe por meio de que desvio, chega é a mim que temo seja bela demais para ser verdadeira, demasiado grata ao meu universo imaginário para pertencer ao mundo real.

Após breve intervalo, Dona Célia pula para a margem direita da imagem e posiciona-se com o lápis na mão:

neste lago nos meus 5 anos um dia Eu e minha amiga fomos fazer uma comida que ce chamava papucuado aminhaga me chamou celina tua tia vem lá

Não há mais nenhum espaço em branco abaixo deste ponto. A solução então encontrada foi retornar à frase inicial e escrever de baixo para cima. Linha por linha.

Eu então corri para o mato e lá pisei toda a noite no mato mato e a tia me chamava veí Eu não vou te bater mais Eu corria corria pelo meio do mato e nisso eu pisei toda a noite

O fato de que no céu esteja girando um objeto tão diverso dos demais, uma forma que conjuga o máximo de estranheza com o máximo de simplicidade e de regularidade e de harmonia, alegria a vida e o pensamento.

Aqui terminou a aula e também metade da cartolina.

Como o que o senhor Palomar pretende fazer neste momento é simplesmente ver uma onda, ou seja, colher todos os seus componentes simultâneos sem descurar de nenhum, seu olhar se irá deter sobre o movimento da água que bate na praia a fim de poder registrar os aspectos que a princípio não havia captado; tão logo se dê conta de que as imagens se repetem, perceberá que já viu tudo o que queria ver e poderá ir-se embora.

Quando da primeira vez que pedi para ler seu trabalho, Dona Célia adiantou: "Tá tudo errado!". Insisti e comecei a leitura. Sua atitude cautelosa imediatamente cedeu espaço para a alegria; sentia-se realizada ao perceber que sua escrita era inteligível a outrem.

Mas talvez seja exatamente esta desconfiança em relação aos nossos sentidos que nos impede de nos sentirmos à vontade no universo.

Poderia eu, ao invés de optar pela leitura, dizer-lhe algo do tipo: “Bom Dona Célia, essa palavra não se escreve exatamente desta forma”.

Prestar atenção em um aspecto faz com que este salte para o primeiro plano, invadindo o quadro, como em certos desenhos diante dos quais basta fecharmos os olhos e ao reabri-los a perspectiva já mudou.

Pensando unicamente nas normas gramaticais, talvez esta fosse a maneira como deveria me portar. Mas nesta construção conjunta que, para ganhar vida, se alimentou das ações vividas em sala de aula, da cumplicidade existente entre os narradores e das reflexões que invariavelmente surgiram, a espontaneidade foi a matéria-prima privilegiada.

Assim, para se compreender como uma onda é feita é necessário ter-se em conta esse impulso em direções opostas que em certa medida se contrabalançam e em certa medida se somam, e produzem um quebrar geral de todos os impulsos e contra-impulsos no mesmo alagar de espuma.

Concluindo

Connely & Clandinin (1995) assinalam que na pesquisa narrativa quem primeiro conta sua estória é o sujeito da pesquisa. Que devemos ouvi-la atentamente e por fim buscar o estabelecimento de um “jogo de crença”, que culmina no processo de auto-inserção na estória do outro, de maneira a conhece-la intimamente, e assim assegurar à voz do outro seu devido espaço na

pesquisa. Ainda segundo estes autores, é fundamental que na pesquisa narrativa seja alcançada uma relação de atenção mútua entre os participantes, pesquisadores e sujeitos, baseada no sentimento de igualdade entre si.

Segundo Connely & Clandinin (1995):

El valor central de la investigación narrativa deriva de la cualidad de sus "temas". La narrativa y la vida van juntas y, por tanto, el atractivo principal de la narrativa como método es su capacidad de reproducir las experiencias de la vida, tanto personales como sociales, en formas relevantes y llenas de sentido (p. 43).

Em uma sala de EJA as estórias de vida fervilham a todo instante. É fato comum os educandos compartilharem sua vasta experiência durante as aulas. Em muitos casos uma simples recordação alcança grandes proporções e acaba por gerar frutíferas reflexões, complementando o assunto programado ou até mesmo assumindo total controle da aula. São as narrativas ocupando os seus devidos espaços.

Quantas serão as Donas Célias, que espalhadas por este mundo afora, aguardam a oportunidade de terem suas estórias ouvidas, lidas, vividas?

A força motriz para a elaboração deste trabalho foi o ato da leitura. Leitura de Dona Célia sobre o seu passado, do educador sobre o trabalho da educanda, dos contos do senhor Palomar... a cada nova

leitura ampliavam-se os horizontes da narrativa, numa contínua produção a partir do produzido – o novo do velho, re-criado, re-surgido.

Para o futuro, pretendemos prosseguir com a experimentação, desta vez objetivando agregar as vozes de novos leitores. A idéia inicial é realizar uma oficina, onde apresentaremos as atividades já realizadas e, na seqüência, incentivaremos os participantes a incrementar a obra. Até porque “no está em absoluto claro cuando acaba la recogida de datos y cuando empieza el escrito” (Connely & Clandinin, 1995: 31).

Segundo Connely & Clandinin (1995):

El relato ha sido escrito, las vidas de los personajes han sido construidas, las historias sociales han sido recogidas, el sentido ha sido expresado para que todos lo vean. No obstante, cualquiera que haya escrito una narración sabe que ella, como la vida, es un despliegue continuo en el que la intuiciones narrativas de hoy serán los acontecimientos de mañana. Estos escritores saben de antemano que todavía hay mucho que hacer en la tarea de transmitir la idea de que una narración está siempre inacabada, de que las historias serán re-contadas una y otra vez, y de que las vidas serán re-vividas de formas nuevas (p. 40).

Esta não é uma obra inacabada. É uma obra em contínuo aprimoramento. Sou grato à educanda, Dona Célia, pois a partir de seu trabalho pude vislumbrar um caminho que até então desconhecia: a pesquisa narrativa. Trabalhos em desenvolvimento estão fundamentados nesta linha, em especial meu trabalho de conclusão de curso. Creio que a pesquisa narrativa tem muito a acrescentar à Educação: além de somar conhecimentos relevantes à Academia, caso seja conduzida pelo pesquisador de maneira a ser criado um ambiente onde seus participantes estejam plenamente livres para se manifestarem, certamente a espontaneidade será alcançada e a experiência em si será gratificante a todos.

Sendo assim, não poderia finalizar de outra forma: Muito Obrigado Dona Célia!

Referências Bibliográficas

CALVINO, I. **Palomar**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CONNELLY, F. M; CLANDININ, D. J. **Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa**. In: LARROSA, J. Et al. Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, p. 11-59, 1995.

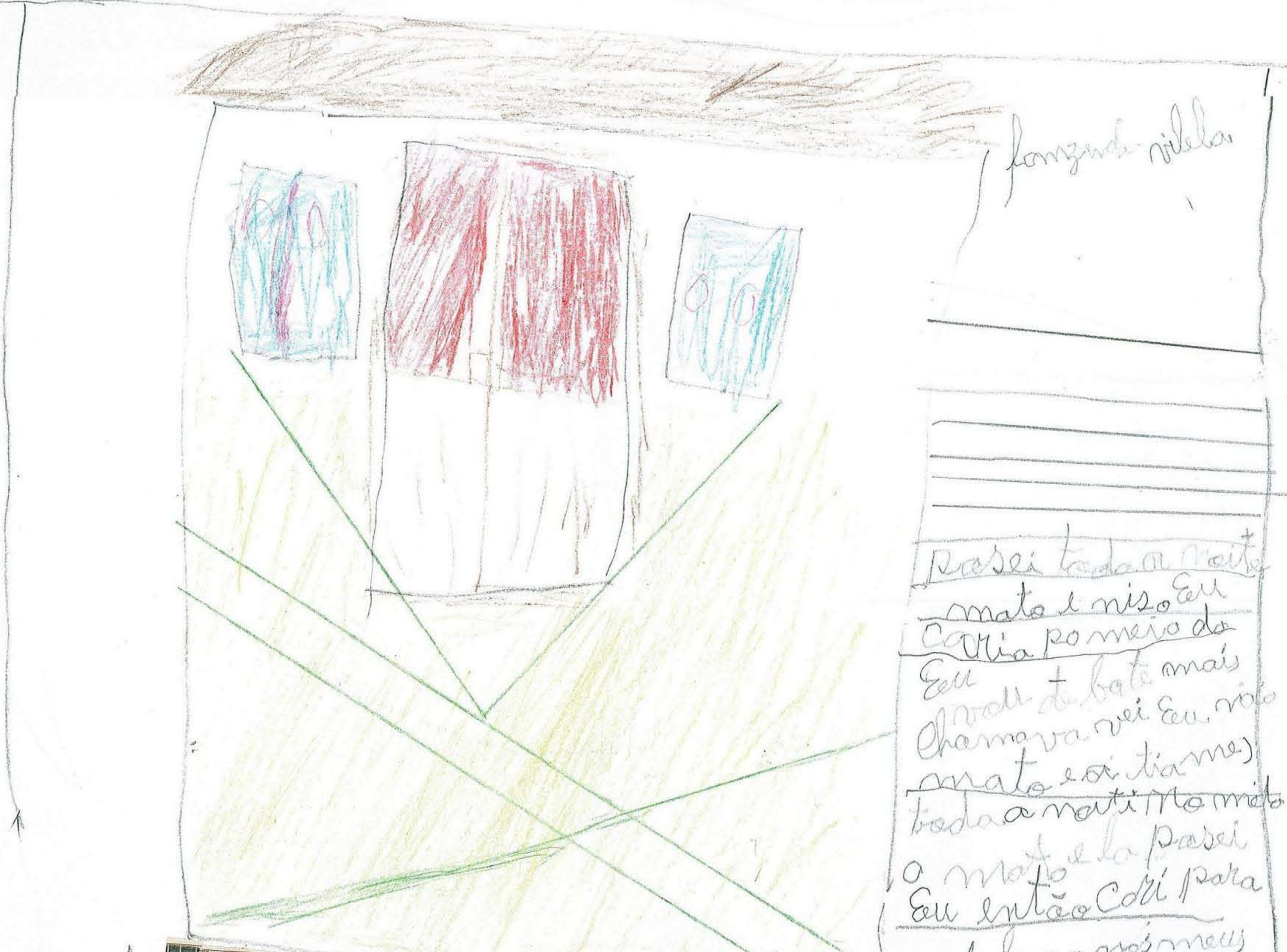
JOAQUIM, F. F. **Uma cartolina em branco...**In: II Ciclo de História de Professores: Experiências Vividas em Sala de Aula, 2007, Assis. **Anais...** p. 16 - 17.

_____. **A construção de narrativas numa sala de EJA: um diálogo entre autores ou *Palomar* lendo a cartolina**. In:IV

Seminário sobre Linguagens – Políticas de subjetivação – Educação, 2008, Rio Claro. **Anais...** p. 1 – 9. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/educacao/geplinguagens/ANAIS%20IV%20seminario.php>

Este trabalho nos stomas sendo na biblioteca
 e bebendo os nos olhos passando
 la na fazenda grande nos matos tinha muitas carneiras e
 cabritos tinha tambem muitas vacas tinha muito taceres de barro
 bús. a fazenda ficava numa rocha bem no fundo

nos adava a cabo as atleia que tinha na fazenda era de
 coto. isto era das honras porque as mulere era. bús
 nos que andava da andava. Ape quando nos ia nos
 cada no dia que tinha padaria e feira da paco
 o meu pai gostava de beber pinga só que era tumbalada
 nos matos em uma coxilha de sape bem pegada
 nos pitava de barro
 era um lugar de muitas arbia cobra e lagartas



fazenda velha
 Pisei toda a noite
 mata e niso eu
 Celia po meio da
 eu noll de bate mais
 chamava rei eu noll
 mata eoi tia me
 toda a noite noll me
 o mo e la padei
 eu entao Celi para
 neste logo nos meus
 5 anos um dia eu
 e miha amiga fomos
 fazer uma
 comida que e
 Alomora paper que
 da amiga me
 da noll
 Celia foi tirar
 noll da

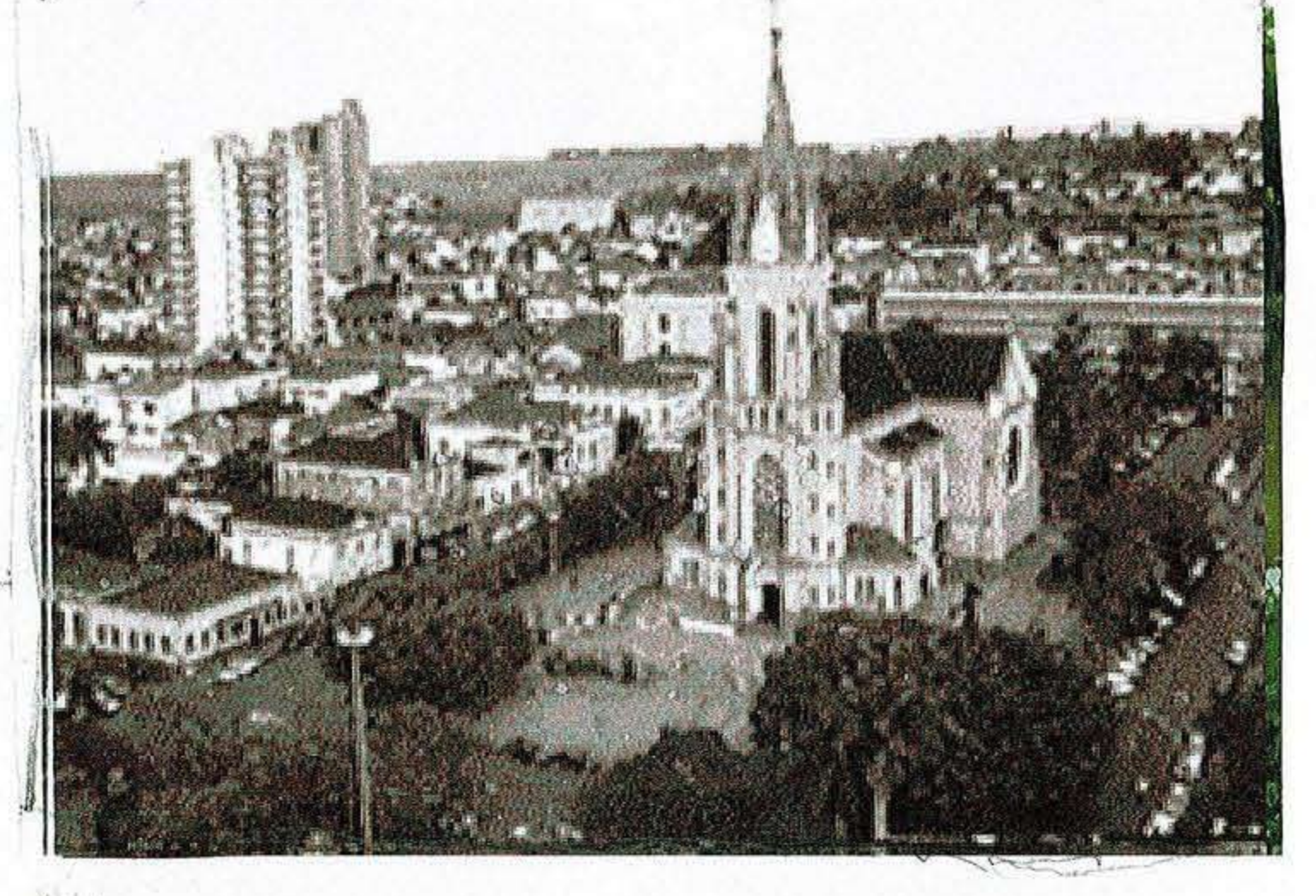
no fundo
 dista casa
 quando
 eu morava
 perto de
 lagano fundo
 deste ombro



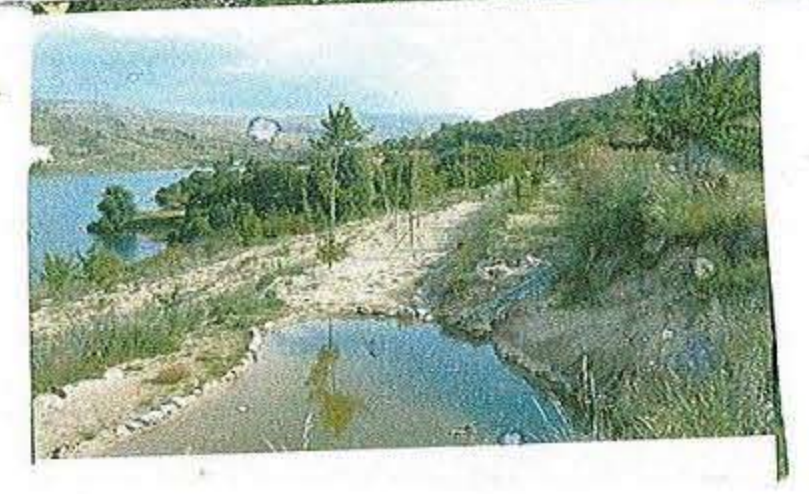
fica fundo e um logo

os meus 8 anos andei eu morava que segurava mante ategre lta
 uma fazenda muito grande tinha muitas boi e fasia prantas São
 de amido e milho e feijão batata milio a tinha tambem abacaxi
 eu morava com os meus tio umis dois anos mais ornis dai amora tio
 veio afalece dai o meu tio muda e eu fui mor na cidade de dos
 corregos com uma familia que ele era adiroga el me adotaram como filha
 e de la vai casa da. Ede se chama Di. Francisco de Corinas
 e a esposa dele, Edite do Corino que ja hão falecido. Hoje as filhas
 elas são famadas, uma milio professora e um neto que e juiz das me concidra
 casa da familia

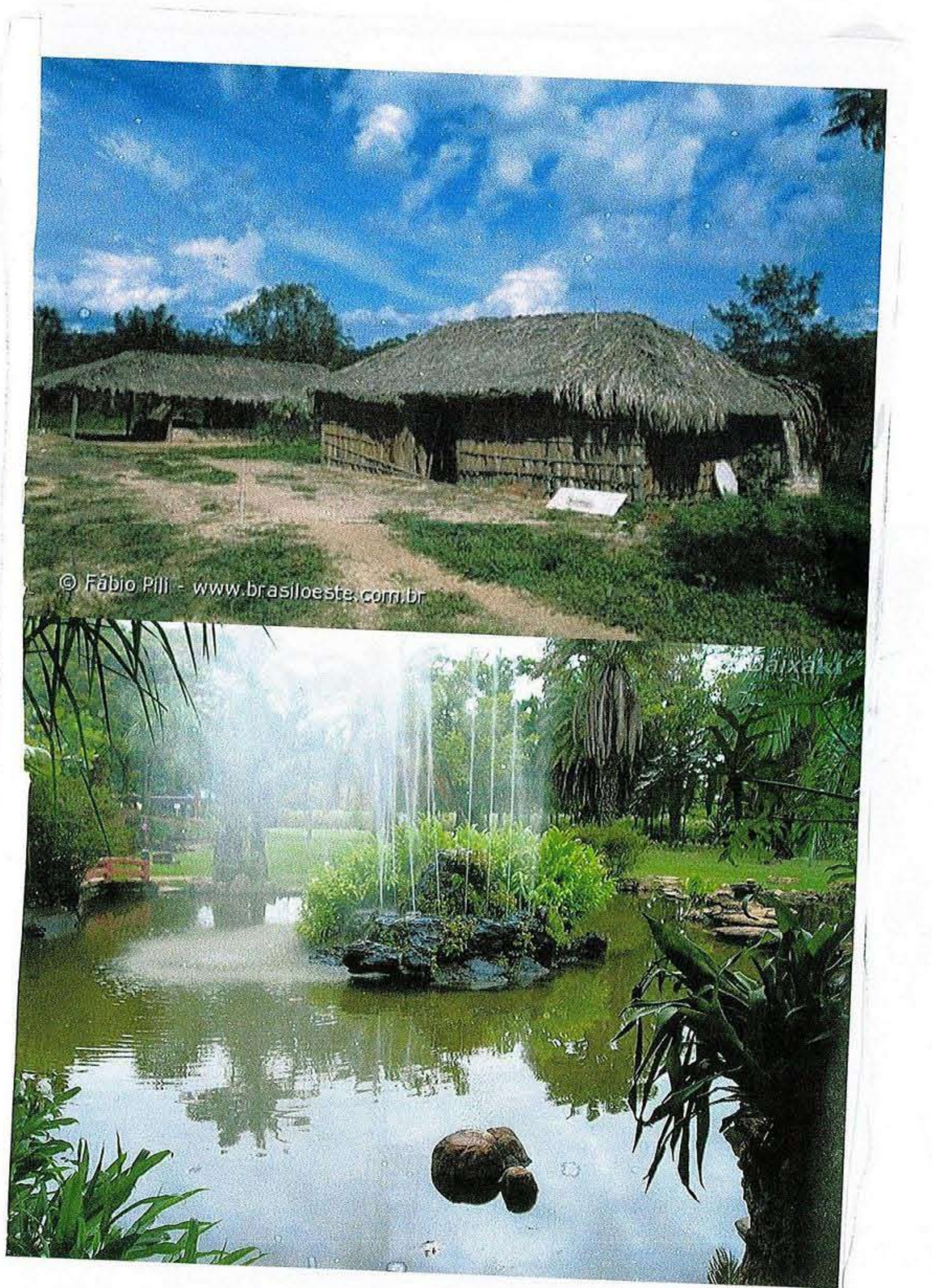
Esta Igreja de São Corregos este lugar e uma piscina emdi
 as pessoas ficaram no calor
 hai onde eu casei emete Karcho de sapo as
 no ano de 1950, no dia 18 de novembro
 pessoas desconasas



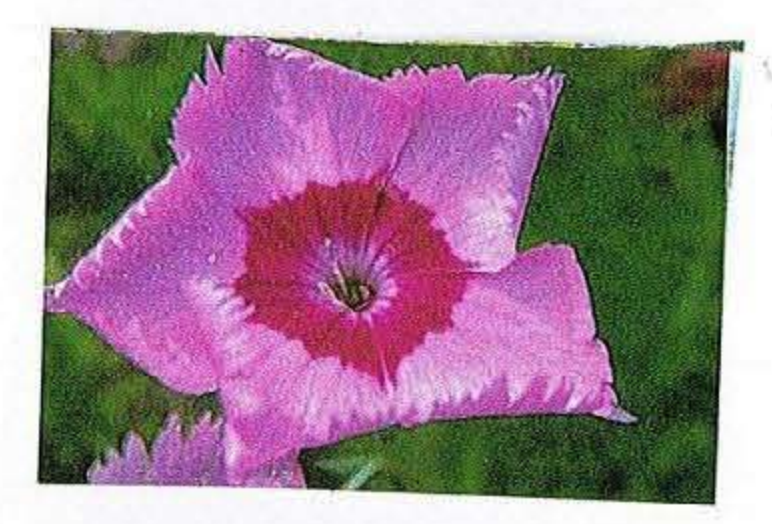
Este lugar chama ventania



Este lugar e no jardim
 de Nio Chico no pasado



Esta linda flor
 se chama tulipa



Este e o meu trabalho -

Este trabalho foi feito por mim no dia 5 de julho de 2007
 Celia da Silva Florindo
 alio